

O Espírito Santo santifica o matrimónio

Espírito Santo ocupa um lugar tão singular no matrimónio. O ato constitutivo do matrimónio é a doação recíproca, a dádiva do próprio corpo (em linguagem bíblica, de toda a pessoa) ao cônjuge. Por isto mesmo é que, o marido deixa de ser o dono do seu corpo, para passar a ser a mulher a quem se entregou, e vice-versa (cf. 1 Cor 7, 4).

Numa catequese das quartas-feiras, dizia João Paulo II:

«O corpo humano, com o seu sexo e a sua masculinidade ou feminilidade [...], além de constituir fonte da fecundidade e da procriação, como em toda a ordem natural, encerra também, desde o princípio, o atributo esponsal, que é o de exprimir amor: aquele amor, precisamente, em que o homem-pessoa se torna dom e, mediante este dom, atualiza o próprio sentido do seu ser e existir» (16 de Janeiro de 1980). Sendo o sacramento do dom, o matrimónio é, por sua natureza, um sacramento aberto à ação do Espírito Santo.

Como é que o Espírito Santo santifica o matrimónio?

Não a partir de fora, mas a partir de dentro. É a presença santificante do Espírito que faz do matrimónio um sacramento. Ele atua em cada casal, através do desejo de um pelo outro, como graça redentora, sendo que o matrimónio expressa o dom generoso de si mesmos, à imitação do dom recíproco de Cristo e da sua Igreja.

Deste modo, o Espírito Santo incorpora-Se, e santifica, não só a «celebração», mas toda a vida conjugal. O Espírito está presente, não só no momento de contrair o matrimónio, mas em todos os instantes e em todos os gestos de doação recíproca, de modo muito especial no ato conjugal que constitui o seu momento mais forte.

Na antiguidade, houve quem, influenciado pelas prescrições judaicas sobre a pureza ritual, pretendesse impedir os esposos de se abeirarem dos sacramentos após as suas relações íntimas porque, nesses momentos, o Espírito Santo se afastava dos cônjuges. Contra esta posição reagiu energeticamente uma respeitada fonte canónica:

«Em virtude do batismo, os esposos receberam o Espírito Santo, que fica sempre com aqueles que exercem a justiça, e que certamente os não abandona por causa das suas relações conjugais, antes permanece sempre, para os guardar, com os que O possuem» (Didascália dos Apóstolos XXVI).

Santo Agostinho aprofundou esta intuição:

«O inefável abraço do Pai e da sua Imagem não é sem intensa fruição, sem caridade, sem alegria, mas afeição, deleitação, felicidade ou bem-aventurança» (De Trinitate, VI, 10)

À luz deste texto maravilhoso, toda a suavidade e toda a alegria à face da terra não são senão uma espécie de eco ou de auréola luminosa do abraço trinitário.

Santo Ambrósio observa: *«No beijo existe mais do que o mero contacto dos lábios; está ali o desejo de comungarem a própria respiração de cada um»*. E São Bernardo exclama: *«O que é o Espírito Santo senão o beijo que entre si trocam o Pai e o Filho?»*

A propósito do abraço, comenta um autor medieval:

«Esta afeição recíproca, amor suavíssimo, abraço feliz, amor beatificante pelo qual o Pai encontra o seu repouso no Filho e o Filho no Pai; este, dizia eu, repouso imperturbável, bondade incomparável, unidade inseparável, este formarem duas coisas uma só, este reencontro mútuo nessa única coisa: tudo isto é o que nós dizemos ser o doce, suave, jubiloso e Santo Espírito».

O abraço carnal é, por si mesmo, incapaz de realizar tudo isto, poderia ser simplesmente uma agressão. Só quando este sombrio amor, feito de agressão e posse, se eleva a amor de doação é que a intimidade esponsal poderá tornar-se um reflexo, embora pálido, daquela suave unidade de paz e amor do abraço divino do Espírito Santo.

O Espírito Santo que renova todas as coisas, demonstrou saber renovar também o próprio casamento, tão marcado pela fraqueza e pelo pecado. Um dos frutos mais visíveis da passagem do Espírito

Santo é reavivar os casamentos mortos ou apagados. O casamento é um carisma (1Cor 7,7) e, como sucede a todos os carismas, ele reacende-se em contanto com a chama que o gerou. É importante escutar testemunhos ao vivo, que falam melhor do que qualquer argumentação.

O testemunho de um marido:

«Eu e a minha mulher reconhecemos que o Espírito Santo é a alma do nosso casamento, aquilo que lhe dá vida, do mesmo modo que é Ele a alma da Igreja. Quando ficámos noivos, fizemos o propósito de recitarmos juntos, todos os dias, a Sequência de Pentecostes: «Vinde, Espírito Santo», e, nestes vinte e dois anos, salvo pouquíssimas exceções, procurámos sempre fazê-lo, e esperamos continuar a fazê-lo, até que a morte nos separe».

A mulher, por sua vez, acrescenta:

«Para mim, o momento da intimidade conjugal não difere do seguimento do Espírito em outros momentos da vida. Na nossa vida de casal, tornou-se natural passar dos momentos de intimidade para a conversa, para a oração ou para o silêncio; não há rutura entre ambas as coisas. Em vez de considerarmos "para Deus" certos momentos, como a Missa dominical, por exemplo, e outros momentos "para nós", como o da intimidade sexual, é tudo para Deus, é tudo vivido na liberdade e na consciência da sua presença. O Espírito Santo não é apenas a fonte das nossas manifestações de ternura, quando é chegado o "tempo dos abraços"; Ele é também quem nos faz crescer no amor recíproco, quando chega o "tempo de nos abstermos dos abraços» (Ec13, 5), especialmente agora que já não somos nada jovens».

Texto tirado de Raniero Cantalamessa, Vem, Espírito Santo, Editorial A.O. pp. 128-133 (com algumas leves alterações que não modificam o conteúdo)